

Evandra Grigoletto
Thiago César da Costa Carneiro
[org]

**DIÁLOGOS COM
ANALISTAS DO DISCURSO**

Reflexões sobre a relevância do
pensamento de Michel Pêcheux hoje

**DIALOGUES AVEC DES
ANALYSTES DU DISCOURS**

Réflexions sur la pertinence de la
pensée de Michel Pêcheux aujourd'hui



Pontes

Todos os direitos desta edição reservados a Pontes Editores Ltda.
Proibida a reprodução total ou parcial em qualquer mídia
sem a autorização escrita da Editora.
Os infratores estão sujeitos às penas da lei.
A Editora não se responsabiliza pelas opiniões emitidas nesta publicação.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo – SP)

-
- G857d Grigoletto, Evandra; Carneiro, Thiago César da Costa (org.).
Diálogos com Analistas de Discurso: reflexões sobre a relevância do
pensamento de Michel Pêcheux hoje - Dialogue avec Analystes du
Discours: réflexions sur la pertinence de la pensée de Michel Pêcheux
aujourd'hui /
Organizadores: Evandra Grigoletto e Thiago César da Costa Carneiro.
1. ed. – Campinas, SP : Pontes Editores, 2023;
E-book: 7 Mb; PDF.
- Inclui bibliografia.
ISBN: 978-65-5637-766-7.
1. Análise do Discurso. 2. Linguística.
I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.
-

Bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB-8/8846

Índices para catálogo sistemático:

1. Análise do discurso. 401.41
2. Linguística. 410



A IDEOLOGIA É PARADOXAL: PONTUAÇÕES SOBRE O FUNCIONAMENTO IDEOLÓGICO

Guilherme Adorno (UEM)

O conjunto de perguntas me leva a retomar a necessidade de contextualizar o momento em que Michel Pêcheux trouxe a formulação sobre os “objetos paradoxais” na relação com seu próprio percurso de trabalho. Interessante notar que o texto de onde vem a citação apresentada pela questão é de uma conferência pronunciada em 1982 e publicada em 1983 somente em alemão até 2011, quando foi editada a tradução brasileira pela primeira vez. Portanto, um texto que não teve, aparentemente, uma circulação relevante na França e nem foi amplamente discutido no Brasil até bem pouco tempo. Mónica Zoppi-Fontana (2005), em “Objetos Paradoxais e Ideologia”, foi uma das primeiras a tratar especificamente da noção de objetos paradoxais no contexto do artigo de Pêcheux, logo depois de ter acesso ao original e à tradução realizada por Carmen Zink naquele momento. Esse mesmo texto de Zoppi-Fontana é uma referência essencial para compreender o contexto e a trajetória de escrita de Pêcheux em relação aos embates e deslocamentos em torno da “ideologia”, conceito polêmico para a época e ainda nos dias atuais pela confusão de sua utilização em diferentes campos de saber. Buscarei refazer um percurso mais circunscrito à tradução brasileira.

Quero destacar um posicionamento que tenho defendido (Adorno, 2019) em relação aos desenvolvimentos teóricos de Michel Pêcheux. São largamente discutidos os efeitos da Psicanálise na AD sobretudo a partir do conhecido “Anexo 3” e uma leitura-interpretação que pode escorregar numa redução: a Psicanálise seria a causa (ou numa posição mais branda, a “principal responsável”) do olhar discursivo para a resistência, o equívoco, o heterogêneo, a falha, o furo e todos os funcionamentos que apontam para a diferença em relação ao mesmo, à sujeição mecânica e à “maquinaria discursiva”, que fariam parte dessa filiação ao materialismo histórico. Justamente, a exemplo do que acontece em outro texto do autor, “Delimitações, Inversões e Deslocamentos”, a discussão sobre os objetos paradoxais permite mostrar como o próprio materialismo althusseriano deu base e sustentação para o avanço em direção à resistência simbólica (certamente com contribuições vindas também de leituras psicanalíticas). Como mostra Pêcheux desde o título de seu texto, é o entendimento sobre o conceito de ideologia que está em jogo: aprisionamento ou campo paradoxal?

Na tradução brasileira de apenas 13 páginas, o texto se inicia na página 107, porém apenas na 115 aparece a formulação “objetos paradoxais”. Nas páginas anteriores, o autor discorre sobre problemáticas em torno do conceito de “ideologia” e aponta para a necessidade de se olhar para o que ele chama de “lutas ideológicas em movimento”. Pêcheux retoma interpretações marxistas clássicas, desde a relação entre teoria e prática nos socialismos existentes até a “pretensão de teorizar genericamente” sobre a ideologia dominante no modo de produção capitalista.

Um dos pontos principais de ataque de Pêcheux incide sobre as supostas demarcações de antemão dos contrários em luta, para que seja possível, “[...] contra as lógicas inscritas na forma estável da fortificação [...]”, em outra direção, “descrever os tipos de choque de deslocamentos, que não colocam em oposição classes, ‘interesses’, ou determinadas posições prévias, mas que tratem da reprodução/transformação

das relações de classe” (Pêcheux, 2011, p. 114-115). Uma discussão que remonta a um embate entre Althusser e alguns de seus mais severos críticos.

Mais de uma década antes, Althusser ([1973] 1978) escreveu sua “Resposta a John Lewis”, em que o autor, ao desmontar o argumento de seu adversário filosófico-político, problematiza o próprio conceito de classe social. A metáfora escolhida por Althusser é a do jogo de futebol. Enquanto, por um lado, no esporte, os times adversários já têm uma existência definida previamente à própria partida, as classes sociais só existem no exato momento em que estão em confronto. No Brasil, esta metáfora é particularmente explicativa quando pensamos na lista extensa de clássicos como Flamengo X Fluminense, Corinthians X Palmeiras, Bahia X Vitória, Grêmio X Internacional *etc.* Como pensar, então, adversários em termos de classes?

Historicamente, a teoria marxista é fundada sobre a descrição das lutas entre classe trabalhadora e classe burguesa, mas essa pode ser justamente uma ilusão teórico-terminológica. O que argumenta Althusser é que a forma específica da luta vai definir como os contrários (elementos em contradição) se constituem. Isso pode mesmo ser retirado de alguns textos de Marx e Engels quando, ainda no século XIX, descrevem as diferenças do processo de constituição do capitalismo e suas contradições na França, na Inglaterra e na Alemanha. Não se trata das mesmas “classe burguesa” e “classe trabalhadora”. A designação é uma forma de apresentar regularidades em meio às diferenças. Porém, são sempre análises de condições concretas em conjunturas específicas que tratam ou deveriam tratar as análises marxistas. As especificidades de classe serão determinadas no próprio confronto específico entre elas. Isso para não avançarmos ainda sobre vários outros elementos, como contradições secundárias ou frações de classe (teoricamente e analiticamente desenvolvidos em autores como Alain Badiou e Nicos Poulantzas), que compõem as contradições do capitalismo para além do clássico da luta de classes Proletariado X Burguesia.

Portanto, é valendo-se dessa posição filosófica que Pêcheux (2011, p. 115-116) reafirma “A singularidade dessas lutas de deslocamento ideológicas [...]”, insistentes “[...] na apreensão de objetos (constantemente contraditórios e ambíguos) paradoxais, que são, simultaneamente, idênticos consigo mesmos e se comportam antagonicamente consigo mesmos.”, acrescentando ainda que “[...] funcionam em relações de força móveis, em mudanças confusas, que levam a concordâncias e oposições extremamente instáveis.”.

Curiosamente, é em outro texto que encontramos uma formulação particularmente explicativa: “[...] os objetos ideológicos implicados no interior das lutas em movimento são **necessariamente** objetos de paradoxo lógico.” (Pêcheux; Gadet, 2011, p. 97, grifo meu). Portanto, defendo que a formulação “objetos paradoxais” diz respeito a todo e qualquer funcionamento ideológico. Todo objeto ideológico é um objeto paradoxal. Essa posição certamente não impede de localizar certos objetos frente a outros como parte dos procedimentos de análise discursiva. Provavelmente, em certas condições, alguns objetos podem estar mais em evidência do que outros ou apresentar contradições específicas. Sempre é, como reitera Pêcheux, um funcionamento desigual. Porém, não é possível delimitar de antemão qual é o objeto dominante ou qual é o subordinado. Somente uma análise conjuntural pode fornecer pistas mais sustentadas sobre a conjuntura dos objetos ideológicos-paradoxais.

Depois dessa contextualização, quero, de forma breve, apontar para alguns objetos que circulam, por vezes, quando escrevo este texto (fevereiro de 2023), como evidentes. É sempre um investimento teórico devolver a opacidade desses objetos e atualizá-los analiticamente.

Desde o golpe contra a presidenta Dilma, colocado em ato pela encenação do *impeachment* em 2016, o Brasil vive mais acirradamente o que passou a ser chamado de “polarização política”. E as designações foram muitas desde então: Esquerdistas X Extrema Direita,

Petistas X Bolsonaristas, Progressistas X Conservadores, ou mesmo o catalizador de várias dessas polarizações, Esquerda X Direita. Para ser consequente com o trabalho discursivo, precisamos escapar dessa ontologia das posições políticas, incluindo aí os meandros de setores sociais atuantes: juristas, militantes, trabalhadores, empresários, professores, evangélicos, católicos, ambientalistas, movimentos sociais e assim por diante. Existem, por exemplo, movimentos interessantes no meio evangélico que vão na direção oposta ao conservadorismo. Ainda que persista um núcleo duro do cinismo entre evangélicos, é preciso estar atento a possíveis posições progressistas. Em outra direção, sobretudo depois que se tornou fundamental a contraposição ao autoritarismo, é igualmente necessário devolver a opacidade da “defesa da democracia”, do “Estado de Direito” e das instituições jurídicas (não terei espaço para fazer a discussão merecida, mas indico os trabalhos de Suzy Lagazzi, Márcio Naves e Bernard Edelman sobre a constituição da ideologia jurídica no Capitalismo). Uma tendência histórica de reprodução do funcionamento de certas posições, como as ligadas a essas designações (evangélicos e defensores da democracia, por exemplo), não impede que as identificações sempre possam derivar e se movimentar, dependendo das condições de produção e quais são os objetos dessa discursividade.

Em outro texto, argumentei (Adorno, 2016) como os próprios processos de identificação também podem ser vistos como paradoxais. Pêcheux sustenta que a consideração do funcionamento paradoxal da ideologia implica em (re)pensar a linguagem e o sujeito (dois pontos extensamente trabalhados pelo autor). Lembro apenas a convocação de Pêcheux em relação à necessidade da escuta política das novas formas de assujeitamento nas composições entre as vias históricas da liberdade e do autoritarismo. Acredito que analisar o funcionamento paradoxal dos objetos ideológicos e das identificações pode ser um gesto que nos ajude a escutar mais tais formas de assujeitamento.

Como venho afirmando, caracterizado pela possibilidade de *atribuição simultânea de diferentes sentidos por diferentes posições-sujeitos no efeito de não diferença/divisão destes sentidos e sujeito*, o objeto ideológico-paradoxal funciona como *um efeito catalisador da polissemia, admitindo que diferentes posições-sujeito se identifiquem/reconheçam a este/neste objeto simulando sentidos parafrásticos em direção ao mesmo*. O Capital tem necessidade de fronteiras móveis porque também precisa lidar com sujeitos e objetos em movência (Adorno, 2016, p. 286-287).

REFERÊNCIAS

ADORNO, Guilherme. Os vlogs e a identificação paradoxal dos criadores de discurso. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, n. 37, p. 257-292, jan./jun. 2016. Disponível em: [<http://www.revistalinguas.com/edicao37/artigo11.pdf>]. Acesso em: 03. fev. 2023.

ADORNO, Guilherme. Algoritmizar a língua?: automatização, informatização, materialismo discursiva. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, n. 44, p. 174–197, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8657798/21804>. Acesso em: 03. fev. 2023.

ALTHUSSER, Louis [1973]. Resposta a John Lewis. *In*: ALTHUSSER, Louis. **Posições**. Rio de Janeiro: Graal, 1978. p. 12-72.

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. [1991]. A língua inatingível [entrevista]. *In*: ORLANDI, Eni. (org.). **Análise de Discurso: Michel Pêcheux**. Campinas: Editora da Unicamp, 2011. p. 93-106.

PÊCHEUX, Michel [1982/1983]. Ideologia – aprisionamento ou campo paradoxal? *In*: ORLANDI, Eni. (org.). **Análise de Discurso: Michel Pêcheux**. Campinas: Pontes, 2011. p. 107-119

ZOPPI-FONTANA, Mónica. Objetos Paradoxais e Ideologia. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 1, n. 1, p. 41-59, jun. 2005. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/download/977/833/1637>. Acesso em: 03 fev. 2023